



ALGUNS RECURSOS DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS PARA A DIDÁTICA DOS *TENSES* DO FRANCÊS¹

Evelyne Saunier

evelyne.saunier@parisdescartes.fr

Universidade de Paris Descartes

RESUMO: Esse artigo aborda a didática dos *tenses* (tempos gramaticais, modos e construções perifrásticas) do francês. São mobilizadas, na análise, propriedades semânticas evidenciadas por diferentes autores inscritos no referencial da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, focalizando-se, nela, três aspectos da abordagem dos fatos de língua própria a essa vertente: a não hierarquização a priori dos valores de emprego de uma unidade linguística; a glosa interpretativa fundamentada em um contexto não dissociado do enunciado; o pôr em jogo das dimensões subjetivas e espaço-temporais no âmbito de uma *teoria da orientação*. A relevância e os ganhos da discussão ora trazida para o campo do ensino aprendizagem relacionam-se ao fato de a abordagem permitir ao aprendiz se apropriar de propriedades fundamentais desses *tenses* de um modo próximo ao da compreensão intuitiva dos locutores de língua materna.

PALAVRAS-CHAVE: didática, francês língua estrangeira, *tenses*.

SOME RESOURCES FROM THE THEORY OF PREDICATIVE AND ENUNCIATIVE OPERATIONS TO THE DIDACTICS OF *VERB TENSE* IN FRENCH

ABSTRACT: This article approaches the didactics of French tenses. For this analysis we deal with semantic properties highlighted by different authors from the Theory of Predictive and Enunciative Operations, focusing on three aspects of this theoretical dimension when it comes to language facts: nonhierarchical a priori values of usage of a linguistic unit; interpretative gloss based on an utterance-bound context; utilization of subjective and temporal-spatial dimensions in the scope of a theory of orientation. The relevance and the earnings of this discussion brought up to the field of the teaching-learning process relate to the fact that this approach allows the student to seize the fundamental properties of this “tenses” in a similar way the native speakers’ intuitive comprehension.

KEYWORDS: didactic, french, foreign language, tenses

¹ Tradução do artigo *Quelques atouts de la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives pour la didactique des tenses du français*, inédito, por Márcia Romero (UNIFESP) e Daniel Costa da Silva (UFRGS).

No âmbito do ensino do francês como língua estrangeira (FLE)², tivemos a oportunidade de implementar alguns princípios e linhas de força da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida na continuidade da obra de Antoine Culioli. Queremos chamar a atenção para os pontos que consideramos particularmente eficazes para levar os estudantes a uma compreensão dos *tenses*³ que se aproxime da intuição inconsciente que o locutor francófono de língua materna tem deles.

Na concepção de Culioli, o linguista evidencia funcionamentos regulares e abstratos que subentendem a construção dos enunciados e explicam os valores e as restrições de emprego das formas que aí se organizam. Estes são integrados pelo ser humano em formação na aquisição da língua materna, mas difícil de serem apropriados por um estudante exófono.

Os *tenses* são um dos domínios da língua em que fica bem destacada a diferença entre a facilidade dos locutores de língua materna – mesmo os jovens – na produção e na interpretação de efeitos de sentido sutilmente diferenciados e a dificuldade encontrada pelos estudantes exófonos.

Basta pensar na diferença entre (1) e (2)⁴:

(1) *Et s'il arrive trop tard ?*
E se ele chega/chegar muito tarde?

(2) *Et s'il arrivait trop tard ?*
E se ele chegasse muito tarde?

Defendemos a ideia de que o respeito à complexidade dos fenômenos, longe de ser um obstáculo à compreensão, é a via de acesso para um melhor domínio da natureza fundamental dos morfemas de uma língua apreendida no âmbito escolar. E, nesse âmbito, certos princípios corolários da abordagem culioliana dos fatos de língua nos parecem eficazes e benéficos.

² Cursos intensivos no Centro de Linguística Aplicada de Besançon (França, departamento de Doubs), verões de 1983 até 1990, nível avançado.

³ Empregamos o termo *tenses* para remeter ao que é mais tradicionalmente denominado por tempos gramaticais, modos e perífrases (*aller + inf., être en train de*, etc.).

⁴ Exemplos utilizados em nossos cursos; encontramos, com satisfação, ecos de nossos exemplos em um artigo de De Vogüé (1990, p. 180).

Concentraremos nosso propósito em três aspectos da abordagem dos fatos de língua própria dessa corrente linguística:

- a não hierarquização a *priori* dos valores de emprego de uma forma linguística;
- a contextualização não qualquer decorrente da atividade de glosa, e que repousa na ideia de que o contexto *está* no enunciado;
- o pôr em jogo das dimensões subjetiva e espaço-temporal no âmbito de uma teoria da *orientação (repérage)*⁵.

1. Pré-requisitos metodológicos

No plano metodológico, a abordagem didática que defendemos repousa em uma apresentação de dados que alinham corpus construídos de pares mínimos, tais como (1) – (2), e dados autênticos, o que permite melhor evidenciar as propriedades das formas linguísticas analisadas, assim como as condições e os efeitos de seus empregos.

Em outro sentido, operamos uma distinção radical na terminologia, distinguindo a metalinguagem tradicional, que designa os morfemas gramaticais, e a metalinguagem que descreve os diferentes valores desses morfemas.

No que nos concerne nesse trabalho, separamos, sempre que possível, as etiquetas que designam os diferentes tempos (presente simples, futuro simples, *passé composé*, etc.) e os termos que descrevem a localização do processo em jogo (P) sobre a classe dos instantes, em relação ao momento de enunciação (t^o), como anterior, concomitante ou posterior a t^o , ou sem relação com t^o . Evitaremos, portanto, os termos “presente, passado, futuro”, já mobilizados como etiquetas, em proveito de “ido, atual, por vir” (*révolu, actuel, à venir*).

A localização temporal é somente um dos elementos que podem ser pertinentes para descrever valores de empregos dos *tenses*. Outros parâmetros entram em jogo, em particular, o aspecto e a modalidade.

Aqui, também, distinguiremos, por exemplo, cuidadosamente “imperativo”, nome do morfema, e “injunção”, valor de emprego, do qual se pode mostrar a não-coincidência:

⁵ [Nota dos Trad.] O termo *repérage* tem sido empregado, em português, como (*sistema ou relação de orientação* ou (*sistema ou relação de localização abstrata*). Optamos, nessa tradução, por utilizar *orientação*. O conceito fundamenta-se no princípio de que um objeto só adquire um valor determinado graças a um sistema que, ao apreendê-lo necessariamente em uma relação, faz dele um termo orientado por um *termo orientador*.

–valor injuntivo construído com outros *tenses*;

(3) *Qu'il entre !*

Que ele entre!

(4) *Tu feras ce qu'on te dit un point c'est tout.*

Vai fazer o que te estão dizendo e ponto final!

(5) *On se calme !*

Acalme(m)-se!

–empregos não injuntivos do imperativo;

(6) *Calomniez, calomniez, il en restera toujours quelque chose.*

Caluniem, caluniem, sempre sobrar alguma coisa.

(7) *Dis encore un mot et je m'en vais.*

Diga mais uma palavra e eu vou embora.

(8) *Ne crains rien, c'est fini.*

Não tenha medo de nada, acabou.

Para finalizar, um mínimo de símbolos se impõe⁶: P (o processo sobre o qual recai o tense, e eventualmente P' (outro que P ou não P). Por exemplo, para:

(9) *Elle est en train de sortir la poubelle.*

Ela está colocando o lixo para fora.

Tem-se P = <ela, tirar o lixo para fora>, P'= outro que / não <ela, tirar o lixo para fora>.

É possível dizer aos estudantes a cada vez o que é P, e ao que P se opõe ou não. Nossa experiência nos mostrou que isso era rapidamente entendido. É um pequeno passo rumo à abstração consciente, competência sempre necessária a numerosos estudantes para quem o “banho de língua” permanece insuficiente.

Na sequência, ilustraremos brevemente cada um dos três princípios que nos parecem pertinentes na didática dos *tenses*.

⁶ Caso se deseje não repetir incessantemente “o momento origem temporal do enunciado”, é possível introduzir t^o na aula, mas é algo bastante técnico. Por comodidade, faremos uso disso neste artigo.

Lembremos que os elementos de caracterização semântica deste ou daquele *tense* que propomos neste artigo provêm de diversos trabalhos da escola culioliana⁷ e de nossas próprias reflexões. Vamos nos empenhar em tornar essas considerações as menos técnicas possíveis.

2. Por uma não hierarquização dos empregos

Certos valores, bem identificados pelos linguistas, são sempre marginalizados na apresentação que as gramáticas fazem de um determinado *tense*. Porém, eles esclarecem – às vezes melhor do que os valores pretensamente centrais – o funcionamento profundo desses morfemas.

Por exemplo, em relação ao imperfeito, o valor que chamamos de “acesso bloqueado” nos parece essencial para que se perceba um elemento fundamental e sempre presente nos empregos do imperfeito. Começamos por ilustrá-lo em um enunciado autêntico identificado por nós.

O contexto: verão de 2001, em um estágio de música organizado em uma casa de campo em que se dá, ao mesmo tempo, um estágio de dança; ambos os grupos compartilham a cozinha. No início da preparação de uma refeição, ocorre o seguinte diálogo entre dois estagiários:

(10) Vincent : *C'est à nous ce carton ?*
É nossa essa caixa?
Evelyne : *Non c'est aux danseurs.*
Não. É dos dançarinos.
Vincent : *Ah bon ? C'est bête, i(l) y avait des Bounty !*
Ah é? Puxa! Tinha Bounty (na caixa)!

Por que não começar apresentando esse valor? Ele evidencia particularmente o fato de que os *Bounty* (doce de chocolate e nozes de coco muito apreciados) fazem parte de um mundo inacessível para o locutor-enunciador (e o alocutário-coenunciador), e que, portanto, a relação <ter Bounty> está situada em um plano em defasagem com a situação de enunciação, isto é, o momento e a instância subjetiva tomados como origem do enunciado.

Essa defasagem pode remeter a processos situados claramente após o momento da enunciação, como se vê nos seguintes exemplos:

⁷ Cf. De Vogüé, S.; Franckel, J.-J., Lebaud, D. e Paillard, D. (ver bibliografia). Não nos cabe propor aqui uma descrição exaustiva dos fenômenos neles abordados e nem recomendar a leitura desses diferentes artigos muito ricos em exemplos. Que cada um saiba tirar proveito do que ora trazemos para a sua aula de língua.

(11) *Le lodge est magnifique, de petites cabanes en bois sur pilotis posées au bord de l'amazone dans un petit village peuplé de locaux. Pas un Touriste!!! le Reve!!! Premier repas, excellent [...]. Retour au lodge ou [sic]⁸ nous mangeons le repas du soir, toujours aussi bon. Enfin, pas pour moi, insolation, donc cloué au lit. [...]. Zut, **ce soir, il y avait soirée avec musique et danse au village.**⁹*

O lodge é magnífico, cabaninhas de madeira em palafitas à margem do Amazonas em um vilarejo habitado por gente do local. Nenhum turista!!! Um sonho!!! Primeira refeição, excelente [...]. Retorno ao lodge onde fazemos a refeição da noite, sempre boa. Enfim, não para mim, insolação, logo, pregado na cama. [...] Putz, essa noite, tinha noitada com música e dança no vilarejo.

(12) *Tatie, t'as du bio¹⁰ temps hein ! j'ai encore vu ça à la tv !! dans ch'nord, c'est le déluge ! dommage **demain il y avait une grande brocante au village d'à côté et à LENS ! fait CH..R !***¹¹

Tatie, tá com tempo bom hein! vi isso na tv!! no norte, é o dilúvio! que pena, amanhã tinha um belo mercado de pulgas na cidadezinha ao lado e em LENS! Que mer...!

Reencontramos essa mesma defasagem na diferença de interpretação entre (13) e (14):

Alors, ce nouveau cours de mécanique ?
E esse novo curso de mecânica?

(13) *Jusqu'ici, j'ai compris.*
Até aqui, eu entendi.

(14) *Jusqu'ici, je comprenais.*¹²
Até aqui, eu entendia/eu estava entendendo.

⁸ Em um curso de FLE, podemos nos autorizar a corrigir os numerosos erros dos corpora tomados no Google [o que faremos na sequência deste artigo]. Porém, podemos também deixá-los e fazer disso um suporte de exercícios de detecção-correção pelos estudantes.

⁹ Aurel e Mag., 18/02/2014. Disponível em: <https://www.tripadvisor.fr/ShowUserReviews-g1850880-d3777267-r234259823-Libertad_Jungle_Lodge-Nauta_Loreto_Region.html#REVIEWS>. Acesso em 28 mai. 2017.

¹⁰ O termo *bio*, nesse emprego, é uma deformação ortográfica de *biau*, variante arcaica e popular de *beau* (bonito).

¹¹ Gastoune8, disponível em: <<http://maigrir.aufeminin.com/forum/les-battantes-reviennent-en-force-racp-du-03-10-fd4526663-p2>>. Acesso em 28 mai. 2017.

¹² Exemplo de Lebaud (2012, p. 178).

Em (14), vê-se que o locutor-enunciador diz com isso que <eu, compreender> não é mais válido na situação atual, o que pode subentender uma consideração desfavorável sobre o novo curso proposto, oposto aos outros. Diferentemente, (13) apresenta <eu, compreender> como algo adquirido na situação de enunciação e tende a ser interpretado como uma consideração positiva sobre o curso.

Esse tipo de fenômeno é muito comum. Encontramos o imperfeito em combinação com *aller* + *inf.* (ir + inf.) em enunciados como:

(15) *Ah c'est toi ?! J'allais t'appeler !*
Ah! É você! Eu ia te ligar!

em que se vê que algo modificou a situação de modo que <eu, te ligar> não é mais pertinente na situação, encontrando-se portanto associado a um mundo que dela se distancia.

É possível então explicar os empregos narrativos do imperfeito dito “de ruptura”, como no enunciado seguinte:

(16) *Elle le vit, se montra, sourit. Le soir-même, il était son amant. Mais voilà que la guerre éclata et que [...]* (Maupassant, *Le Lit*, 1884).
Ela o viu, se mostrou, sorriu. Naquela noite mesmo, **ele era seu amante**. Mas eis que a guerra explodiu e que [...].

Tem-se, aparentemente, um efeito inverso do emprego canônico do imperfeito, em que P figura como “tela de fundo” em relação à qual outros processos vêm se inscrever. Porém, o mecanismo fundamental é o mesmo. P <ele, ser seu amante> fica destacado no curso do relato como uma reviravolta, gerando uma mudança na percepção da situação narrada (mesmo que P, em contrapartida, seja o resultado dos eventos precedentes). Essa saliência, projeção ao plano de fundo de P, ressurge fundamentalmente no mesmo fenômeno da situação de P em um plano deslocado.

3. Por um trabalho de contextualização

A ideia segundo a qual “o contexto está no enunciado”¹³ não é um traço de estilo cultivando o paradoxo. Trata-se de um elemento fundamental da linguística culioliana: raciocinamos a partir de formas linguísticas, sendo elas que geram restrições e efeitos de sentido. E se for necessário levar em conta determinações situacionais ou contextuais (discursivas, por exemplo), é apenas na medida em que estas se deduzem dos próprios enunciados.

É interessante e necessário fazer os estudantes trabalharem a partir de enunciados mínimos. Segundo seu nível de compreensão e sua facilidade em recorrer à intuição, podemos expor a variação – toda ou em parte, ou deixar que seja encontrada – nos contextos que esta ou aquela forma sugere. Examinemos, por exemplo, os seguintes enunciados:

(17) *Je descends à la prochaine.*
Eu desço na próxima.

(18) *Je vais descendre à la prochaine.*
Eu vou descer na próxima.

(19) *Je descendrai à la prochaine.*
Eu descerei na próxima.

Um exercício de contextualização, guiando os estudantes, pode conduzir a evidenciar diferenças fundamentais na identidade semântica dos três *tenses*.

(17) se diz com muita frequência em contextos em que nenhuma alteridade quanto a P (<eu, descer na próxima>) está em jogo. P é dado como adquirido desde o momento da enunciação; pode-se imaginar uma situação banal, o locutor de pé assinalando P a

¹³ Expressão de Sarah de Vogüé, recuperada em uma palestra, 1998 (data sob reserva). Isso vai de encontro à ideia recebida segundo a qual é o enunciado que está na situação, e que dela retira seu sentido. Em outra palestra, Sarah De Vogüé deixa claro: “invertemos o pensamento [...] e o enunciado determina um contexto, a língua inclui seu discurso. [...] O contexto não é um acréscimo, um “algo a mais”, mas é constitutivo do enunciado e de seu valor”. (De Vogüé, 2008, p. 6-7). [Nota dos Trad.] O referido artigo foi traduzido e publicado em 2013. Cf. DE VOGÜÉ, A língua entre cognição e discurso, *Calidoscópico*, vol. 11, n. 2, p. 214-221.

Alguns recursos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas para a didática dos *tenses* do francês
alguém que lhe propõe ceder seu lugar, ou, ao contrário, o locutor sentado oferecendo seu
lugar.

Em (19), o futuro simples leva a pensar em uma situação em que alguém, por distração, perdeu a sua parada. É o que se mostra o melhor contexto para fazer perceber que P' tem um modo de presença forte, já que não era o objetivo *descer na próxima*: ele tinha que *ter descido em uma outra estação* (P'), mas vai *descer em uma estação* (P) *diferente daquela*. Há um fenômeno de ruptura com o desenrolar inicialmente previsto, uma vez que P se impõe ao locutor-enunciador. Isso faz eco aos empregos aorísticos do futuro, em que esse tempo está em concorrência com o passado simples.

(18) é mais complexo de analisar. O contexto que termina por se impor para que o enunciado seja natural é aquele de uma tomada de decisão do locutor em vista de um estado de coisas mais complicado do que o previsto. Por exemplo, se alguém tem um leve mal-estar em um vagão de metrô, um médico pode dizer:

(20) *Ne tirez pas l'alarme. Je vais descendre à la prochaine et m'occuper de lui.*

Não acione o alarme. Vou descer na próxima e cuidar dele.

Ou ainda, caso se trate, para um grupo de viajantes, de dar conta de algo que se esqueceu de pegar para fazer uma trilha, um deles pode dizer:

(21) *Bon, il y a un Vieux Campeur dans le quartier, je vais descendre à la prochaine. J'achète le truc et on se retrouve à la gare.*

Bom, tem uma loja Vieux Campeur no quarteirão. Vou descer na próxima. Compro o negócio e a gente se encontra na estação.

Ainda que P não tenha nada de previsível ou de adquirido, não se trata de algo impulsivo, mas de uma decisão bem pensada: P se inscreve na lógica da situação tal como ela se apresenta em *t°*, <eu, descer na próxima> sendo o prolongamento direto e lógico disso.

Esse exercício de contextualização deixa bem visíveis as propriedades dos três *tenses*: o presente simples, em francês, situa P fora da alteridade; o futuro simples, nessa língua, opõe P à P', e dá a situação validando P como em ruptura com a situação de enunciação; *aller + inf.* (ir + inf.) dá P como o que está na continuidade da situação de enunciação, em uma relação de diferença e não de ruptura. Isso permite aos estudantes

associar as diferenças formais a condições de produção familiares e facilmente apropriáveis.

A contextualização (qual tipo de discussão se imagina a partir do enunciado) dos seguintes exemplos põe em evidência as mesmas diferenças:

(22) *Je dépanne toujours Paul.*

Eu ajudo sempre Paul.

(23) *Je vais toujours dépanner Paul.*

Eu vou já ajudar Paul.

[Ajudar Paul é algo que já estou indo fazer/Em relação ao que tenho que fazer, ajudar Paul é algo que já está previsto].

(24) *Je dépannerai toujours Paul.*

Eu ajudarei sempre Paul.

Presente e futuro dão P (<eu, ajudar Paul, sempre>) como validado sobre toda classe dos instantes sem construir uma zona para a qual P' seria validado. A diferença de contexto é, entretanto, flagrante: (24) será empregado em situação de adversidade, se interpretando como “você pode falar mal dele para mim / o que quer que ele faça / aconteça o que acontecer (ajudarei sempre Paul)”, o que significa que P' (não <eu, ajudar Paul>) tem um modo de presença forte. Já (22) descreve, simplesmente, a relação que o locutor mantém com Paul.

Com *aller + inf.* (*ir + inf.*), o valor de *toujours* é diferente, parafraseável por *déjà* (já). Esse resultado da interação entre as duas formas se explica pelo vínculo necessário com o momento da enunciação que *aller + inf.* (*ir + inf.*) instaura, o que bloqueia uma interpretação de *toujours* como remetendo a uma classe de instantes homogênea, i.e. sua interpretação como *sempre*. P deve ser validado na contiguidade de *t^o*, o que deixa supor outras ações eventuais posteriores (por exemplo, <eu, ajudar todo mundo>).

Pode-se, na sequência, apresentar enunciados autênticos que mostram particularmente bem os funcionamentos descritos, como a presença manifesta de P' (não <eu, me comportar>) em (25) e o caráter “sabido, adquirido” de P (<eu, estar morto>) em (26).

(25) *Demain je serai sage*

Bonne mère, je le promets !

Mon fils, je connais ce langage

Demain, ça veut dire jamais. (Parlenda)

Amanhã, eu me comportarei
Mamãe, te prometo!
Meu filho, conheço essa fala,
Amanhã quer dizer nunca.

(26) Dans un an je suis mort. (Fred Vargas, *Un lieu incertain*, 2008)
Em um ano, estou morto.

É assim apesar de a posterioridade a *to* ser bem maior em (26) do que em (25). Vemos nitidamente que se trata menos de localização em um tempo mais ou menos longínquo do que do modo como o locutor-enunciador se encarrega de P.

(27) *Mon oncle [...] me laisse toute sa fortune.*
Je vais être très riche. (P. Claudel, *Le Soulier de satin*, 1929)
Meu tio [...] está me deixando toda sua fortuna.
Vou ser muito rico.

P é dado como consequência direta da situação (o locutor promovido a herdeiro), mesmo se o momento em que P será localizado é incerto e não forçosamente próximo. A alteridade entre P e P' (em *t^o*, o locutor não é *très riche*) diz respeito apenas a um intervalo temporal que, ainda que longo, é contínuo e prestes a paulatinamente desaparecer. O futuro simples, em francês, seria menos natural, a menos que uma especificação autorize a acentuar uma ruptura com *t^o*:

(28) *Je serai très riche un jour.*
Serei muito rico um dia.

É também um trabalho de contextualização rica que poderá mostrar a contribuição do subjuntivo ao modo de apresentação de um processo. Vejamos os exemplos abaixo:

(29) *Je comprends qu'il est parti.*
Eu entendo que ele partiu.

(30) *Je comprends qu'il soit parti.*
Eu entendo que ele tenha partido.

O valor de *comprendre* não é o mesmo. Em (29), teremos um enunciado que resume uma fala precedente dando P <ele, partiu> como o que de melhor se propõe, como o que dá mais conta do estado de coisas em jogo na conversação:

(29') – *Tu sais, Paul a besoin de prendre du recul, on est d'accord pour faire une pause dans la relation. Il voyage beaucoup, tu vois ?*

– **Je comprends qu'il est parti.** *N'essaie pas d'emballer la chose.*

– Sabe, Paul precisa dá uma distanciada, a gente tá de acordo em dar um tempo na relação. Ele viaja muito, cê vê?

– **Entendo que ele partiu.** Não tente dourar a pílula.

Por sua vez, o subjuntivo gera um valor de *comprendre* que pode ser qualificado de empático:

(30') – *C'était de pire en pire à la chorale, le chef n'arrêtait pas de nous faire recommencer en regardant Paul, et de faire des allusions comme quoi il chantait faux.*

– **Je comprends qu'il soit parti.** *J'en aurais fait autant.*

– Tudo ia de mal a pior no coral, o regente não parava de nos fazer recomeçar olhando para o Paul, e de fazer alusões no sentido de que ele cantava desafinado.

– **Entendo que ele tenha partido.** Teria feito o mesmo.

Da mesma forma, podemos apreender a famosa oposição:

(31) *Je ne crois pas qu'il est malade.*

Não acredito que ele está doente.

(32) *Je ne crois pas qu'il soit malade.*

Não acredito que ele esteja doente.

propondo dois contextos entre os quais será preciso escolher uma ou outra forma:

a) o locutor, uma enfermeira, visita uma amiga e esta lhe pede para examinar seu cachorro porque ele não come mais;

b) o locutor, um professor, reage a um pedido de desculpas apresentado para justificar a ausência de um aluno por seu estado de saúde. Esse aluno frequentemente falta e está pouco motivado pelo trabalho escolar.

Colocaremos facilmente em correspondência (a) com (32) e (b) com (31), esse último podendo ser parafraseado por *Je crois qu'il n'est pas malade* (Acredito que ele não está doente).

Esses contextos mostram com clareza que, contrariamente ao indicativo, o subjuntivo dá ênfase à origem puramente subjetiva do ponto de vista adotado sobre o estado de coisas do qual se fala. Com o indicativo, tanto (31) quanto (29) convocam elementos objetivamente comprovados que levam à dedução privilegiando um valor, P (29) ou P' (31). Com o subjuntivo, em (30), tem-se a expressão de uma pura atitude psíquica, uma vez que a efetividade de P não está em questão. E, em (32), o diagnóstico é um engajamento pessoal assumido quanto à validação de P' de preferência a P.

Enunciados autênticos podem sustentar essa diferença:

(33) – *Je ne vois pas notre ami Jean-François [...]. Ne serait-il pas souffrant par hasard ?*

– *Je ne l'ai pas vu depuis deux jours, répondit Miss Mary Stuart ; mais je ne pense pas qu'il soit malade... ça se saurait. (P. Mac Orlan, Sous la lumière froide, 1961).*

– Não tenho visto nosso amigo Jean-François [...]. Por acaso, estaria ele doente?

– Não o vejo há dois dias, respondeu Miss Mary Stuart; mas não acho que ele esteja doente... teríamos sabido disso.

(34) *Je ne pense pas qu'il est malade, parce que je sens sa virilité mais jusque-là, il ne m'a rien fait. Sûrement, il est coincé quelque part. (Fatima, Blog balochronicoeur, 19 nov. 2016).*

Não acho que ele está doente, porque sinto sua virilidade, mas até agora não fez nada comigo. Certamente, tem algum bloqueio.

Observamos que, com o indicativo, tem-se **visto que, porque (vu que, parce que)**, enquanto que, com o subjuntivo, as marcas de modalidade epistêmica estão bem presentes no diálogo (33).

4. Pela ênfase das orientações subjetivas (S) e espaço-temporais (T)

Antoine Culioli mostrou que dois parâmetros fundamentais organizam o campo de coordenadas da situação a partir da qual se calculam as orientações (*repérages*) em jogo em um enunciado: as determinações espaço-temporais (orientações de tipo localização) e as determinações de ordem subjetiva (orientações que colocam em funcionamento operações modais dependentes do que se visa, do que se rejeita, do distanciamento que se toma, etc.). Na medida em que esses parâmetros são pertinentes em numerosos funcionamentos linguísticos¹⁴, não é inútil colocá-los em destaque em um quadro didático.

Mesmo que não o façamos explicitamente, o simples fato de aproximar empregos colocando em jogo um e/ou outro desses parâmetros só poderá favorecer a aquisição do funcionamento fundamental deste ou daquele *tense*, pois os tempos são um dos lugares da língua em que mais se entrelaçam o temporal (T) e o subjetivo (S).

Com o valor “acesso bloqueado” do imperfeito, pudemos ver (§2) que os dois planos mobilizados estão dissociados quanto ao que é validado no tempo e ao que é não validado para um sujeito. Do ponto de vista espaço-temporal, os *Bounty* (exemplo 10) estão localizados no espaço-tempo dos interlocutores, mas do ponto de vista subjetivo, eles lhes são inacessíveis. Aqui o “distanciamento” característico do imperfeito se opera entre um plano T e um plano S.

Os valores de hipocorístico, formas de polidez, etc., por sua vez, situam a defasagem em um plano puramente subjetivo: locutor-enunciador e alocutário não são da mesma categoria, da mesma faixa etária, em suma, não estão situados no mesmo plano. Certamente, enunciados desse tipo são afetuosos ou respeitosos, mas eles marcam, ao mesmo tempo, uma dissimetria fundamental entre os interlocutores, o locutor-enunciador posicionando-se em superioridade (hipocorístico) ou em uma distância respeitosa (polidez) em relação ao alocutário.

¹⁴ Para citar apenas um exemplo, numerosas preposições são suscetíveis de marcar relações de orientação de tipo T ou de tipo S: *contre un mur* (de encontro à parede), *contre la peine de mort* (contra a pena de morte); *aller vers la fontaine* (ir rumo à fonte), *aller vers la sobriété* (ir rumo à sobriedade); *partir pour la France* (partir para a França), *pencher pour Mélenchon* (pender por Mélenchon) etc.

E outros empregos do imperfeito vão remeter a uma defasagem de tipo espaço-temporal, mobilizando o que é atestado no mundo. Por exemplo, caso se diga:

(35) *Claude aimait beaucoup Camille.*
Claude amava muito Camille.

necessariamente, algo não é mais válido no momento da enunciação: um dos dois morreu, ou estão, desde então, em dois continentes diferentes, ou o locutor perdeu de vista um e/ou outro, etc. Portanto, P é dado como sendo validado em um plano que, sob qualquer perspectiva, está em defasagem com a situação em t^o .

Marcar que esse sentimento passado é ainda válido no momento da enunciação exigiria:

(36) *Claude a toujours beaucoup aimé Camille.*
Claude sempre amou muito Camille.

Da mesma forma, o presente simples, em francês, que situa P fora da alteridade¹⁵, o faz no plano temporal (por excelência, com o genérico), mas igualmente no plano subjetivo.

Examinemos o par de enunciados seguintes, que gera respostas contraditórias da parte dos francófonos quando se faz a pergunta: para vocês, qual parece ser o mais autoritário, o mais duro? Sistemáticamente, há pessoas que optam pelo enunciado no presente simples, e outros por aquele no imperativo.

(37) *Mange ta soupe !*
Coma tua sopa!

(38) *Tu manges ta soupe !*
Você come tua sopa!

Aqui a diferença se dá em um plano puramente subjetivo. Nos dois casos, P <você, comer tua sopa> é um valor visado pelo locutor-enunciador, uma vez que sua atualização no tempo depende do alocutário.

¹⁵ Assim, o único emprego do presente simples com o qual nenhum outro tense pode comutar – *être en train de*, futuro, *venir de + inf* (acabar de + inf.), *passé composé*, etc. é o valor de “verdade geral”, para o qual P é dado como verdadeiro quaisquer que sejam os sujeitos e os instantes considerados.

A violência do presente simples está ligada ao fato de que, da mesma forma que, com o genérico, P' não tem nenhum estatuto no tempo, com o valor injuntivo, nenhuma outra opção além de P é considerada. Dito de outro modo, não há lugar para nenhum outro ponto de vista sobre P, suscetível de colocá-lo na balança com P'.

A violência do imperativo emana da tensão da relação enunciador/coenunciador (encarnada pelo alocutário) enquanto fontes de uma alteridade potencial de pontos de vista. P é colocado segundo o ponto de vista de P'.

É a mesma diferença encontrada no plano da localização temporal entre os seguintes enunciados:

(39) *Je travaille.*
Eu trabalho/estou trabalhando.

(40) *Je suis en train de travailler.*
Eu estou trabalhando.

Com o presente simples, sempre em francês, não se diz nada do “outro que <eu, trabalhar>” (P' não tem nenhum estatuto), e a interpretação fica muito aberta: *estou trabalhando nesse momento exato, eu tenho um emprego, eu sou trabalhadeira*, etc. Já com *être en train de*, P é dado como orientado pela classe dos instantes, enquanto essa mesma classe dos instantes serve igualmente de orientador para P' i.e. é suscetível de localizar outros processos. O efeito interpretativo de “mobilização do sujeito” pelo processo *travailler* está ligado ao fato de o sujeito, por ter P' um modo de presença, ser mostrado como efetuando o processo na exclusão de outros processos validáveis. Daí uma contextualização “não me atrapalhe” facilmente associável a (40).

Considerações finais

Mesmo que não se acredite ser necessário introduzir em aula de francês língua estrangeira (FLE) tal aparelho descritivo, é crucial que os professores tenham um conhecimento do funcionamento enunciativo dos *tenses*. De fato, sem necessariamente retomar as noções teóricas e os modos de raciocínio, uma fundamentação sólida permitirá ao professor evitar as armadilhas de uma abordagem tradicional cheia de lacunas, de preconceitos e de inexatidões, que são flagrantes desde o momento em que se debruça sobre os enunciados da vida cotidiana, e que só fazem desconcertar os estudantes.

Para estes, uma apresentação dos dados guiada pela abordagem da TOPE só pode favorecer o caminho que vai da descoberta à sistematização (consciente ou não). Antoine Culioli insiste no caráter compartilhado do metalinguístico entre o trabalho do linguista e o trabalho de construção e reconstrução de sentido dos enunciados pelos locutores. Trata-se de chegar o mais perto possível dos funcionamentos fundamentais dos *tenses*, ao invés de permanecer no nível de valores de emprego hierarquizados, privilegiando arbitrariamente os valores de localização temporal “canônicos” (*atual* para o presente simples, *próximo* para *aller + inf.* (*ir + inf.*) etc.). Esse trabalho pode ser feito na forma de exercícios de contextualização que partem da observação de corpora construídos e autênticos para chegar a uma compreensão intuitiva mais próxima daquela de um locutor nativo.

O que pudemos ver no que se refere aos *tenses* pode ser aplicado a numerosos outros domínios – à diferença *an/année*, *poser/placer/mettre*, *commencer à/se mettre à*, à posição do adjetivo epíteto, às preposições *en/dans*. Um conhecimento e uma prática da linguística enunciativa tal como aqui exposta nos permitem elaborar respostas para numerosas questões trazidas pelos estudantes, para as quais não há receita dada pelos manuais e gramáticas que estão à disposição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CULIOLI, A. (1978). Valeurs modales et opérations énonciatives, **Le Français moderne**, 46 (4), p. 300-317. [rééd. dans *Pour une linguistique de l'énonciation*, Ophrys, 1990.]

_____. (1983). Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives : l'aoristique, dans Sophie Fischer & Jean-Jacques Franckel (éds.), **Enonciation, aspects et détermination**, Paris, Mouton, p. 99-114. [rééd. dans **Pour une linguistique de l'énonciation**, Ophrys, 1990.]

DE VOGÜÉ, S. (1990). Valeur de l'imparfait : pour une solution plus modale que temporelle, *Studia Romanica Posnaniensia*, 14, p. 175-193.

_____. (1993). Des temps et des modes, **Le Gré des langues**, 6, p. 65-91.

_____. (1999). L'imparfait aoristique, ni mutant ni commutant, **Cahiers de praxématique** [En ligne], 32, URL : <http://praxématique.revues.org/2848>.

_____. (2008). La langue entre cognition et discours, Conférence, MSHS de Poitiers [publiée dans **Langage, cognition et société**, actes du colloque international pour les 10 ans de la MSHS de Poitiers, M. Audiffren et J. Chuquet édts., 2011].

FRANCKEL, J.-J. (1984). Futur « simple » et futur « proche », **Le Français dans le monde**, 182, p. 65-70.

_____. (1989). **Etude de quelques marqueurs aspectuels du français**, Genève : Droz.

LEBAUD, D. (1993). Imparfait : indétermination aspectuo-temporelle et changement de repère, **Le Gré des langues**, n°5, 160-176.

_____. (2004) Entre temps et sujet. Le paradigme ais, ais, ait, ions, iez, aient : cas de l'imparfait de l'indicatif, *Le Vif du sujet*, série **Sémiotique et linguistique**, n°5, 21-45.

_____. (2012) Normal ou marginal ? Quelques emplois de l'imparfait de l'indicatif et du futur simple, *Tsukuba (Interfaculty)*, revue en ligne, vol. 3, 173-202.

PAILLARD, D. (1988) Fonctionnement de être en train de et du présent simple, **Recherches nouvelles sur le langage**, collection ERA 642, DRL, Université de Paris VII.

Recebido em: 23/03/2017

Aceito em: 20/05/2017